

A Tarefa do intérprete

Desconstrução como processo de (trans)criação

Uma das formas possíveis de compreender o trabalho do intérprete é que caiba a ele ler o texto com que se confronta uma vez, várias vezes, em busca de conexões que lhe permitam tecer uma rede de significados e interpretações que exponham partes antes ocultas, ou não imediatamente aparentes, de outra trama: aquela de que se compõe o texto. Ainda assim este texto permanecerá indecifrável, não no sentido de “inapreensível” ou “incompreensível”, mas por dizermos que o conjunto de signos que compõe todo e qualquer texto não remete a nenhum signo original e único – portanto, o texto não é *teleológico*, não nos é possível determinar um sentido final. Mesmo que uma narrativa seja teleológica – como em um romance policial clássico, que nos conduz inexoravelmente à solução de um crime, ao estabelecimento de culpados e à determinação de motivações – ou que pretenda, como na dialética platônica, guiar seu leitor por argumentações em direção a uma ‘racionalidade’ determinada antecipadamente pelo autor, ainda assim o texto permanecerá múltiplo em suas interpretações, no sentido que não converge para uma única leitura, final e definitiva.

Se afirmo que é impossível encontrar uma interpretação única e superior, essa recusa de uma *interpretação como processo dialético*, no qual cada passo ordenaria as escolhas, orientando um pretenso 'progresso rumo à verdade' das etapas anteriores, tal recusa não significa nem a indicação de uma crise da representação ou da interpretação, nem tampouco a queda numa *retórica sofisticada* em que todas as interpretações são equivalentes: na sofística, vale o jogo de palavras que seduzir melhor.

A oposição tantas vezes denunciada por Platão, na Grécia antiga, entre dialética e retórica foi em seguida descartada por Aristóteles. A Retórica aristotélica, tomada como uma “arte de falar bem”, pretende examinar e estruturar estratégias para a formulação de discursos

eficientes, mas não ‘um discurso qualquer’. Para Aristóteles, a retórica seria uma busca pela melhor forma de expressão para um raciocínio que fosse ‘verdadeiro’. Permanece, neste pensador, a restrição contra o alegado vazio da argumentação ‘vale tudo’ dos Sofistas que Platão denunciava como ‘mercadores’. Para Aristóteles, um discurso deveria soar de forma tão convincente quanto possível frente a seus destinatários – assembléia da polis, filósofos, reis – mas precisava permanecer ‘justo’, categoria que não é a mais adequada quando o objeto da análise é ficcional.

O texto a ser interpretado permanece irreduzível porque não estamos falando de uma ‘materialidade’, um objeto fechado e circunscrito cuja existência independesse de todo e qualquer observador. Um texto – não um *livro*, é importante separá-los bem – se cria e se desfaz a cada leitura e haverá uma instância de texto diferente para cada leitor, em cada momento histórico ou a cada momento pessoal de leitura.

Como podemos dizer *conheço um texto* e como usar tal conhecimento para uma análise teórica, se nosso objeto de conhecimento e ponto de partida da análise se revela demasiado flexível?

Retomando a questão – *o que é esse texto?* –, introduzo agora um conceito que derivo de uma obra menos conhecida de Aristóteles, *Tópicos*⁶, onde o pensador conceitua *topoi* – em grego, plural de *topos*, lugar. O conceito de *topoi*, se aplicado à Literatura, ou à Arte, como um todo, me parece produtivo e útil. A respeito de *topoi* há uma nota elucidativa, na edição portuguesa dos “Tópicos”⁷, que deve ser mencionada, uma vez que o próprio Aristóteles nunca definiu explicitamente o termo:

Assim como se torna fácil encontrar coisas escondidas quando se indica e assinala o lugar delas, assim também, quando queremos analisar um argumento qualquer, devemos conhecer os ‘lugares’ deles,

⁶ ARISTÓTELES. **Tópicos**.

⁷ Ibid.

pois é este o nome que Aristóteles dá àquela espécie de ‘esconderijos’ [lit. ‘assentos, poisos, sedes’] donde são extraídos os argumentos.⁸

Posso agora definir *topoi*, na acepção usada por Aristóteles e aqui expandida, como constituindo os ‘lugares’ que um conceito ou *proferimento* ocupa. Não me refiro, portanto, ao uso cotidiano do termo, em que ‘tópicos’ equivale a assuntos ou temas.

A partir disso posso prosseguir e afirmar que escritor, texto, atualização da leitura (o momento em que ela se dá de fato), leitor, contexto expandido da leitura, todos eles marcam, definem e evidenciam (ao mesmo tempo em que *são marcados, definidos e evidenciados por*) *topoi* – ‘lugares’ – e somente podemos pensar a trama ou rede criada entre cada um destes *topoi* se levarmos em conta uma leitura específica. Será sempre uma *rede móvel*, e não um sistema pré-definido.

Quando se lê um autor como Abelaira, nota-se que suas obras se interconectam e, ao fazê-lo, criam novas possibilidades de leitura. Isto será mencionado, retomado e expandido mais à frente. Desejo deixar claro, neste ponto, que haverá uma alteração dos *topoi* de cada texto conforme as leituras de um indivíduo se sucedam, proliferem. Ler Abelaira no Brasil, hoje, remete a questões que talvez não fossem relevantes em Portugal à época em que os textos foram escritos; o reverso é igualmente verdadeiro. Estou ciente das conexões, atritos, diferenças e aproximações com outros conceitos teóricos que, eu diria, ‘pensam na mesma direção’: conceitos diversos espalhados pelos ensaios de Roland Barthes; a *Obra aberta* de Umberto Eco; o conceito de *intertextualidade*, necessariamente limitado porque se restringe ao entre-textos, e me parece estranho pensar que os sentidos de um texto se constituam apenas entre outros *textos*, deixando de fora o Mundo do qual os textos fazem parte, no qual existem. No limite, o que proponho aqui é uma abertura para, futuramente, questionar a pertinência, em nossa época, de leituras e

⁸ ARISTÓTELES. Op.cit., p. 111, nota 188 referente à citação de Cícero, *Topicos* 7.

críticas de fundo estruturalista e pós-estruturalista. É outra tese, uma que não cabe dentro desta.

Embora a formalização desses conceitos dentro de um quadro teórico completamente constituído esteja além do escopo da presente dissertação, é razoável supor, perante o que foi enunciado, que o conjunto de relações entre esses *topoi* irá configurar uma conceitualização mais abrangente daquilo que, no Estruturalismo e no Pós-Estruturalismo, ficou conhecido como “intertextualidade”: as relações que os textos estabelecem entre si.

Hoje, quando quase todo o planeta está ligado numa rede cuja densidade e topologia se alteram literalmente a cada segundo, já não me parece razoável falar em termos puramente estruturalistas, como se o jogo fosse, de alguma forma, fixo; como se a intertextualidade se desse em um tabuleiro de xadrez cuja dimensão, regras, movimentos e valores das peças conhecêssemos sempre e estivessem determinados com clareza.

Não nos é mais possível conhecer todas as regras, definir o que é o tabuleiro ou sequer entender quais são todas as peças em jogo: a “complexificação” deste mundo em rede é um *fenômeno emergente* – no sentido estrito deste conceito, de algo que surge, sem uma causalidade única, devido à complexificação de um sistema em evolução – e decorre da multiplicação de interconexões, da velocidade de fluxo e da densidade de trocas (de informação, de produtos, de lugares) que criam esse mundo (e que são criadas por ele).

É necessário pensar que, a cada novo *lance* no jogo, temos não só uma mutação deste jogo (tampouco é adequado falar em “evolução”, repetindo, mais uma vez, que é preciso abandonar qualquer pretensão teleológica), mas também é preciso lembrar que, em um mundo-em-rede, tudo se altera constantemente, do tamanho & formato do tabuleiro às regras do jogo.

Sobre o pressuposto por mim assumido de que este seja, de fato, um “mundo-em-rede”, me resta uma única coisa a dizer: é o nosso, hoje.

Pensar o mundo e as relações que nele se dão como uma rede de redes⁹ é uma forma essencial para que possamos perceber os agenciamos à nossa volta sem chafurdamos em falsas questões, como os constantes enunciados de efeito bastante midiático a respeito de ‘o fim de ____’. Necessariamente inseridos nos *topoi* que este mundo-em-rede cria, possibilita e demanda, em suas tramas infindáveis que configuram outras formas de relacionamentos, precisamos buscar novas formas de ler e compreender o que lemos.

⁹ O sentido original de *internet* é, literalmente, uma rede que reúne diversas sub-redes díspares, uma interconexão de redes. Cf. Segaller, S. *Nerds 2.0.1: A Brief History of the Internet*.